



Detonando as fronteiras: notas sobre a formação de uma cena Metal na cidade do Recife.¹

Amilcar Almeida Bezerra²
Daniela Maria Ferreira³
Jorge de La Barre⁴

Resumo

O objetivo do seguinte trabalho é sistematizar alguns aspectos da evolução de uma cena cultural ligada ao rock e ao Metal na cidade do Recife nos último 40 anos. Para tanto, realizamos 18 entrevistas em profundidade com músicos, produtores culturais, jornalistas, lojistas e aficionados dos diversos subgêneros do Metal que desempenharam importante papel na formação de uma rede de relações sociais ancorada em espaços de convivência, troca de informações especializadas e eventos musicais. De posse dessas informações, procuramos neste artigo identificar em linhas gerais, através dos tempos, os principais circuitos nos quais se desenvolve uma sociabilidade de grupos em torno da fruição do Metal no Recife.

Palavras-chave: Culturas Urbanas; *Heavy-Metal*; *Underground*; redes sociais; Recife

1. Introdução

Esta pesquisa⁵, iniciada em junho de 2010, teve como objetivo principal o mapeamento de uma cena cultural ligada ao Metal na cidade do Recife. A partir de uma série de entrevistas em profundidade com personagens-chave desta cena, pudemos identificar alguns aspectos gerais de sua evolução.

Entendemos como cena cultural uma rede de relações sociais ancorada em espaços de convivência, troca de informações especializadas e eventos artísticos e culturais ligados a uma proposta estética, política e comportamental mais ou menos definida. Os indivíduos que participam desta rede de relações compartilham referências culturais e estéticas e constroem a partir delas um universo simbólico comum, no qual essas referências são hierarquizadas conforme critérios de valoração sujeitos à mudança, num processo denominado por Pierre Bourdieu de “dinâmica do campo”. Para

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor do Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

³ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professora do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

⁴ Doutor em Sociologia pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris (EHESS) e pesquisador do Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa (INET-MD, UNL/FCSH);

⁵ Este artigo toma como base o relatório da pesquisa *Transformações: a cena Metal no Recife pós-mangue*, financiada pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA) e realizada entre Julho de 2010 e Maio de 2011.



Bourdieu, entende-se por “Campo” a constituição de um espaço social marcado por relações de solidariedade e concorrência em torno de um bem simbólico comum. (2010 [1992])

Identificamos na rede de relações formada pelos produtores e aficionados do metal no Recife uma consistência que nos permite perceber aspectos do que Bourdieu denomina de “Campo” e que, na falta de um termo mais adequado, optamos por chamar de cena metal. Neste caso, o bem simbólico comum em torno do qual gravitam as relações sociais é o estilo musical denominado metal em todos os seus subgêneros, com todas as significações culturais, políticas e comportamentais a eles associados.

Entendemos o metal como um gênero musical derivado do rock, conforme definição de Cláudia Azevedo, pesquisadora da cena metal carioca:

Será utilizada a terminologia metal, e não heavy metal, como adotam os meios de comunicação. Metal será tratado como subgênero do gênero rock, que, por sua vez, também desenvolveu seus próprios subgêneros, e estes desenvolveram alguns estilos. Estes normalmente encontram-se inseridos no circuito underground e, assim, sujeitos a deformações quando descritos por pesquisadores não familiarizados com a música. Metal é um rótulo generalizante. É como utilizar a expressão “música de concerto” para se referir à música desde Mozart a Schoenberg. Algumas fronteiras entre as possibilidades de metal interpenetram-se, levando a numerosas classificações: quanto mais ‘especialista’ o informante, mais filigranas estilísticas perceberá. (AZEVEDO, 2004)

Percebemos ainda nos depoimentos coletados um consenso que corrobora a definição da pesquisadora. Os entrevistados se autodenominam integrantes de uma cena metal underground, sendo o *Heavy-metal* apenas um dos subgêneros musicais que integram essa cena. Além de se enxergarem como aficionados do metal, esses indivíduos também vêm no conceito de *underground*⁶ uma marca importante para definir o modo de funcionamento da cena Metal.

Leonardo Campoy descreve algumas das práticas usuais no circuito *underground*:

Na prática do underground quem organiza toda a estrutura de um show são os próprios músicos. Da divulgação ao controle de vendas de ingressos, passando pela montagem do palco, são responsabilidades dos

⁶ Por underground, entendemos as manifestações culturais ligadas à música popular que não fazem parte do circuito comercial das grandes rádios, TVs e gravadoras, e que por sua vez criam formas alternativas de produção e divulgação em âmbito local, à margem dos grandes fluxos midiáticos. De acordo com Leonardo Ribeiro, “bandas underground não participam de grandes eventos midiáticos, desenvolvendo assim rede própria de comunicação e divulgação em cena alternativa.”



integrantes das bandas. (...) No underground heavy metal a divulgação é feita em dois veículos principais: cartazes e panfletos, e no boca-a-boca.

Entretanto, é importante ressaltar que a cena Metal *underground*, no mundo inteiro, vem cada vez mais se utilizando das redes sociais online para divulgação de eventos e troca de informação especializada. Essa mudança, entretanto, que afeta com mais profundidade as formas de relação entre as camadas mais jovens da cena, não esvazia o conceito de *underground*, que se constitui também em oposição ao que se chama de *mainstream*, ou seja, a produção de bens culturais de caráter mais comercial que circula nos grandes meios de comunicação de massa.

Ao longo das entrevistas percebemos que só é possível falar da existência de uma cena *Metal underground* no Recife a partir da década de 1980. É nessa época que surgem as primeiras bandas de *Heavy metal* na cidade, os primeiros festivais do gênero e as primeiras lojas especializadas. É também nesta década que a indústria fonográfica internacional investe pesado na divulgação do rock e do Metal no Brasil, estratégia que tem no festival *Rock in Rio* seu marco mais significativo. Entretanto, alguns dos protagonistas desta cena já vinham, desde a década de 1970, desempenhando um papel importante como mediadores culturais de uma cena roqueira local, cujas raízes também buscamos mapear aqui.

2. Delimitação do grupo de entrevistados e dos temas abordados

A escolha dos indivíduos entrevistados teve como principal critério a relevância atribuída por eles próprios a determinados personagens da cena. Assim, realizamos 18 entrevistas em profundidade (fazendo uso de gravadores e câmeras de vídeo) com personagens considerados representativos da cena local. Nessas entrevistas, foram enfatizados os seguintes temas:

- a) Formas de acesso à mídia musical e a informações especializadas sobre o rock internacional e seus subgêneros, com ênfase no metal e suas vertentes. Percebemos no Recife uma profunda mudança no acesso a esses fluxos simbólicos nas últimas quatro décadas. Uma mudança tanto nas formas de acesso, quanto na própria dimensão que assumem esses fluxos midiáticos, primeiramente com o desenvolvimento da indústria fonográfica no Brasil e posteriormente com o advento das novas tecnologias de comunicação e



armazenamento de informação. No que se refere à música, especialmente a invenção do formato de arquivo digital MP3 e o compartilhamento desses arquivos pela internet tiveram profundas implicações nos modos de consumir a música;

- b) Relação entre o consumo musical e a sociabilidade de grupos. Esse mapeamento tenta identificar quais espaços estratégicos da cidade do Recife serviram como ponto de encontro para aficionados do rock internacional, com ênfase no metal. Pudemos identificar, por meio dos depoimentos, bares, festivais, lojas, becos, esquinas e até mesmo residências que funcionaram como núcleos de disseminação de mídias musicais (LPs, CDs e K7s) e troca de informações sobre o metal. Tais espaços estratégicos vão gradativamente perdendo sua importância relativa na medida em que as novas tecnologias de comunicação propiciam a troca de arquivos de música e informações especializadas via internet, em ambientes virtuais de sociabilidade;
- c) Mapeamento de bandas locais de referência, que contribuíram para que o Recife seja hoje considerado um dos maiores pólos de produção e consumo de metal do país;
- d) Identificação de alguns eventos musicais considerados pelos entrevistados como marcos representativos da história da cena metal no Recife. Aí se incluem desde a criação do primeiro festival do gênero na cidade, o Mauritzstadt, em 1985, passando pela criação de uma noite para o som pesado no festival Abril Pro Rock, até a inserção do Recife no circuito internacional de shows das grandes bandas de metal, como Scorpions, Megadeth e Iron Maiden.

Além disso, foi realizada uma busca por informações bibliográficas e documentais sobre o tema para subsidiar a pesquisa. Como alguns dos protagonistas da cena Metal recifense nas décadas de 1980 e 1990 já eram, bem antes disso, aficionados e consumidores do rock, optamos por dar início a nosso mapeamento na década de 1970, quando as gravadoras ainda não lançavam com frequência no Brasil LPs de rock internacional e o acesso a esses títulos só era possível através de alguma conexão estabelecida com o mercado externo. Os poucos roqueiros que existiam na cidade se reuniam principalmente nas residências de alguns deles que conseguiam ter acesso a LPs e publicações especializadas no gênero, algo raro na época. É nesse contexto que



surge no Recife uma geração de aficionados do rock que vão criar na década seguinte os espaços e eventos que consolidam uma cena de Metal na cidade.

3. A década de 1970

Ouvir rock'n'roll no Recife dos anos 1970 não era um hábito comum para a grande maioria da população. Devido à grande dificuldade de acesso ao material fonográfico, em virtude da escassez e do alto custo, apenas uma reduzida parcela das classes média e alta local consumia o rock. A execução de rock nas rádios também era muito rara. Havia uma única Rádio FM, a Transamérica, que replicava na época uma programação produzida em São Paulo. É certo que entre as emissoras AM, houve a partir de 1977 um programa dedicado ao rock intitulado “O som do poder jovem”, veiculado pela Rádio Jovem Cap. Entretanto, além de vagas referências em algumas entrevistas, não foi possível conseguir mais informações a respeito. Todos os indícios mostram que o Recife não tinha um mercado consumidor de rock que fosse significativo.

Depoimentos de roqueiros da época atestam isso. Segundo Ervel Lundgren⁷, no Recife daqueles idos era quase impossível encontrar um fã de rock. Quando isso acontecia, um simples encontro era, com frequência, o suficiente para selar uma amizade baseada em interesses musicais comuns. Os roqueiros eram vistos na cidade como indivíduos pouco usuais, transgressores das normas sociais, adeptos de uma vestimenta pouco ortodoxa e consumidores de uma música barulhenta. Sofriam, no ambiente provinciano do Recife da época, preconceito por ouvirem uma música diferente e se vestirem de forma estranha aos padrões.

A associação do rock com a marginalidade era comum no imaginário da população recifense em geral. Pelo menos, há queixas de vários entrevistados com relação ao preconceito que sofriam, e que eventualmente ainda sofrem na cidade. Segundo João Marinho⁸, é possível que a morte de vários símbolos de uma geração do rock, até os anos 1970, em função do uso excessivo de drogas pesadas, tenha contribuído para essa imagem. Cita os casos de Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison como exemplos sempre atualizados para reforçar o estigma. Com o passar das décadas, o preconceito foi esmaecendo, mas ainda há, segundo ele,

⁷ Ervel Ludgren, 49, produtor cultural e empresário. Responsável pela criação do primeiro festival de Metal no Recife, o Mauritzadt, em 1985.

⁸ João Marinho, 50, produtor cultural e empresário. Proprietário da loja Blackout Discos, um dos pontos de encontro dos aficionados do Metal na cidade.



resistência de empresários locais com relação a eventos culturais que envolvam o rock e o Metal. Tudo por causa do estereótipo associado aos gêneros, que, segundo ele, ainda predominaria no imaginário recifense, o que se constitui numa das maiores dificuldades de produzir Metal no Recife⁹.

No Recife da década de 1970 não havia bares, lojas de discos, casas de show e nem festivais especializados em rock. Ainda não havia também a segmentação dos gêneros de rock, que iria depois redundar na formação de tribos urbanas associadas a cada estilo musical. Os roqueiros se reuniam para ouvir música nas residências de um e de outro. Era comum que isso acontecesse na casa de alguém que eventualmente tinha acesso a algum lançamento, não raro adquirido no Rio, em São Paulo ou no exterior. A defasagem da indústria fonográfica nacional com relação ao que acontecia nos grandes centros da Europa e dos Estados Unidos era enorme. José Teles (2000, p.105) cita que os três primeiros LPs dos Beatles, lançados originalmente entre 1963 e 1965, só tiveram seus lançamentos no mercado nacional em 1977. Mesmo no final da década ainda era praxe lançamentos internacionais, mesmo aqueles de grande repercussão, demorarem muito para chegar ao Brasil. Como foi o caso do LP duplo *The Wall*, da banda *Pink Floyd*, lançado na Inglaterra em 1979, mas que só chegaria ao Brasil três anos depois. É importante frisar que em 1979 as grandes multinacionais da indústria fonográfica já estavam instaladas no país, e o Brasil era o sexto mercado consumidor mundial de LPs. Mesmo assim, o rock tinha pouca aceitação no mercado nacional e ainda persistia a defasagem.

Embora o acesso a material fonográfico original ainda fosse bastante restrito nessa época, é certo que já havia no Recife uma intensa circulação de informação musical sobre rock, embora limitada a pequenos nichos. Em depoimento, Levi Cerqueira¹⁰ descreve um circuito bastante comum entre os fãs de rock no Recife dos anos 1970: como seu irmão era membro da marinha mercante, sempre pedia para que ele lhe trouxesse do exterior LPs e publicações especializadas. Cerqueira fazia parte de um grupo de amigos que se reunia sistematicamente na casa de um deles, conhecido como Humberto, na Boa Vista, região central da cidade. Lá os fãs de rock se encontravam para escutar as novidades na vitrola do anfitrião, gravar fitas cassete,

⁹ O filme realizado em 1993 por Carlos Eduardo Brito, *Metal: Loucura ou Paixão?*, documento histórico único sobre a cena Metal recifense dos anos 1990, mostra, entre outras coisas, como ainda naquela época o gênero era marginalizado e seus aficionados vítimas de preconceito.

¹⁰ Levi Cerqueira, 54, é produtor cultural e proprietário da loja de discos Abbey Road.



trocar material fonográfico e informações. Além do comércio e troca de LPs, a casa de Humberto funcionava como local de acesso a informações especializadas sobre o panorama do rock internacional. Cerqueira relata como dava sua contribuição: naquela época, recebia a cada três meses do irmão uma publicação londrina com a programação dos principais eventos culturais que aconteciam na capital inglesa. Traduzia o material e pregava na porta da casa de Humberto, colocando os integrantes da cena local em contato direto com as últimas informações da cena internacional, como por exemplo, o surgimento de novas bandas, turnês, lançamento de discos e shows.

Um outro ponto de relevância para troca de LPs, cópia e distribuição de fitas cassete era a Banca Elvis, localizada na Rua 1º de Março, região hoje conhecida como Recife Antigo. É importante ressaltar que muitas das lojas especializadas que vieram a abrir nas décadas seguintes tinham, além do objetivo de venda de LPs, a cópia em fitas cassete¹¹, e que também funcionavam como local de troca de informações sobre a cena Metal local e espaço de sociabilidade entre seus membros, a exemplo do papel que havia exercido, nos anos 1970, a Banca Elvis.

O acesso a esse material em primeira mão denota a existência de um fluxo de informações sobre música, mais especificamente sobre o rock, que conectava um reduzido grupo de aficionados recifenses ao que acontecia no panorama internacional.

4. A década de 1980

A situação se altera nos anos 1980. Nota-se uma mudança de estratégia das grandes gravadoras multinacionais que estavam instaladas no país desde a década anterior. Até então, estas empresas que adotavam como objetivo principal investir em artistas locais, passam a se preocupar em como viabilizar comercialmente no Brasil os artistas de seu *cast* internacional. É no início desta década que começam a surgir programas especializados em videocliques, como o “FM/TV” da Rede Manchete e o “Super Special” na Rede Bandeirantes.

Em 1981, a banda de rock inglesa *Queen* vem ao Brasil para uma apresentação única em São Paulo, no primeiro megaevento de rock internacional da década no país. O show é considerado um marco, já que a última grande estrela do rock internacional que a passar pelo país havia sido Alice Cooper, em 1974. Só em 1985, com o *Rock in Rio*, o

¹¹ A cópia em fitas cassete era um serviço cobrado por muitas das lojas especializadas na cena. A prática era bastante difundida, pois se tratava de uma maneira econômica de fazer circular um material escasso e caro em meio a um público em sua grande maioria jovem e de limitado poder aquisitivo.



Brasil se inseria em definitivo no circuito de shows internacionais de rock, porém as apresentações se restringiam ao eixo Rio-São Paulo e eventualmente a capitais mais próximas.

O Rock Rio, festival internacional de música pop, rock e metal que aconteceu no Rio de Janeiro em 1985 foi, segundo depoimentos, um marco na história da indústria fonográfica nacional. Isso porque depois do evento, ficou muito mais fácil encontrar discos de bandas internacionais nas prateleiras das lojas em todo o país. Assim, a informação sobre música pop em geral, e mais especificamente, sobre o rock e o metal, torna-se mais acessível ao consumidor local. Este fator certamente estimulou o crescimento de um público aficionado pelo Metal no Recife, bem como a visibilidade do público Metal em várias cidades do Brasil.

Também em 1985 é inaugurada a Loja Mausoleum, a primeira especializada em Metal no Recife. Levi Cerqueira sugere em entrevista que a criação da loja esteve relacionada à percepção da vitalidade de um público consumidor de Metal na cidade logo após a visibilidade dada pelo festival a esse subgênero do rock.

Depois do Rock in Rio, uma enxurrada de correspondências oriundas de todos os estados brasileiros invadiu as lojas especializadas do Rio de Janeiro e de São Paulo, solicitando o envio de LPs e publicações especializadas em Metal. Como uma parte significativa dessa correspondência vinha do Recife, dois empreendedores cariocas vêem nisso a possibilidade de explorar um mercado “virgem”, se instalam na cidade e abrem a Mausoleum. Mais do que da venda de discos, a loja vai tirar seu sustento da reprodução de fitas cassetes para um público ávido pelo consumo do Metal. Localizada na Rua Sete de Setembro, também na região central da cidade, a loja tinha uma ambientação que fazia jus ao nome. O balcão da loja era um caixão, a iluminação era sombria e o público freqüentador vestia-se quase que exclusivamente de preto. Segundo relatos, foi um importante pólo aglutinador do público do metal no Recife em meados dos anos 1980.

É importante ressaltar que, a partir da década de 1980, ainda em virtude da circulação pelo exterior de amigos e familiares, alguns jovens locais inseridos nos círculos restritos de sociabilidade do Metal, quase todos homens, escutam os primeiros LPs da nova cena metal da Baía de São Francisco (*Bay Area*), Estados Unidos, que tem como principal expoente o *Metallica*. É o primeiro contato dos recifenses com o *Thrash metal*. O uso destes materiais, adquiridos via Humberto ou mesmo na Mausoleum, bem como sua socialização, seja na Banca Elvis ou na casa de amigos e vizinhos, propiciam



a criação de uma série de bandas locais, a partir de meados dos anos 1980, que mimetizam o estilo e a sonoridade das bandas estrangeiras.

Assim, é na década de 1980, que grande parte das bandas que funcionam como referências até hoje, surgiram na cena. É o caso da banda Herdeiros de Lúcifer, criada em 1983, e considerada por praticamente todos os entrevistados, a primeira banda de *Heavy-metal* da cidade e de nomes como Cães Mortos, Arame Farpado, Cristal, Sparta, Caco de Vidro, Putrefação, Cromo, Cruor, *The Ax*, Mosh, Arma Branca, Necrópsia, *Fire Worshipers*, Cérbero, Aria, Orion, Túmulo, Morbus, Odyseia e Morte Sucessiva, representantes dos vários subgêneros do metal. Formadas exclusivamente por homens e em sua grande parte oriundos da classe média e classe média alta, essas bandas compartilhavam os raros locais de shows com as bandas de *punk* e *hardcore* (compostas por jovens rapazes advindos da periferia e de bairros nobres do Recife), que na época disputavam espaço na cena *underground* local¹². Entre centros culturais, sindicatos e bares não especializados localizados na região, é importante mencionar a realização de três grandes festivais, *Mauritzstadt* (de 1985 a 1989), *Paranoid* (de 1986 a 1991) e Encontro Anti-Nuclear (1986). De acordo com os depoimentos coletados na pesquisa de campo, foi através destes festivais, que muitas das bandas recém-formadas da cena local tiveram oportunidade de divulgar seus trabalhos e de dividir suas experiências com bandas da cena nacional, como o Viper, de São Paulo. Os festivais também propiciaram a criação de um público e funcionavam como um momento de confraternização, no qual se fortaleciam as redes de relações afetivas construídas em torno da fruição musical.

5. Dos anos 1990 ao século XXI

O começo dos anos 1990 é marcado pelo surgimento de bandas representantes dos vários subgêneros do metal, mas especificamente, do *death* e do *black metal*, que

¹² A cena punk recifense convive, se não em harmonia, mas em tolerância com a cena metal local a partir de meados dos anos 1980. Era comum integrantes de formações punks tocarem em grupos de metal e vice-versa, além de dividirem, no bom sentido, os espaços destinados aos shows, como os clubes e centros sociais urbanos da periferia, como até mesmo os festivais, sejam eles majoritariamente metal (*Mauritzstadt* e *Paranoid*, realizados, respectivamente, no Sítio da Trindade e Universidade Católica de Pernambuco), sejam predominantemente *punk/hardcore*, como o Encontro Anti-Nuclear. O intercâmbio de músicos era intenso e era comum grupos punks (como Câmbio Negro, Realidade Encoberta, Devotos do Ódio, SS-20, Moral Violenta, Euthanásia, Desordem e Regresso, Decadência Humana, Anti-Sistema, IML, Sendero Luminoso) terem integrantes headbangers em suas fileiras, assim como formações metaleiras (Arame Farpado, Cruor, Necrópsia, entre outros) terem membros oriundos de grupos de *punk rock* ou *hardcore*. Ambas as cenas se relacionam e se interdependem, porém, não é objeto de estudo deste relatório de pesquisa aprofundar esta relação.



foram sendo criados na medida em que o *heavy metal* e o *thrash metal* tornaram-se, respectivamente, um fenômeno de massas¹³.

A formação da banda Malkuth, considerada a primeira banda de *Black metal* da cidade e do *Decomposed God*, a primeira de *Death metal*, no início dos anos 90, é reveladora da segmentação que atinge a cena metal internacional desde os meados dos anos 80, mas que só nesta década se consolida na cena recifense. É nessa mesma época, precisamente em 1991, que é criada a loja Oficina Armorial, por trás do cinema São Luiz, na Boa Vista, e que vai se constituir um dos locais importantes na difusão do *Death* e *Black metal* através da reprodução de cassetes de bandas como Blasferium, Suffocation e Death, entre outras. A circulação destes discos também estava atrelada aos contatos pessoais de Edwards, proprietário da loja. Em seu depoimento no documentário (ainda em produção) “Décadas de fúria”, dirigido por Jeovani Moraes, o lojista explica que além de frequentar a casa de Humberto, ele contava com um amigo belga, que sempre viajava para Europa e que trazia em primeira mão as grandes novidades. De acordo ainda com Edwards, o público local recifense, embora tenha tido um pouco de resistência com o *Black metal*, pouco a pouco passou a frequentar sua loja, tornando-se esta um ponto de encontro para os *bangers* da cidade. Além da Armorial, surge também nos anos 1990 a loja Vinil Alternativo, que tinha um dos proprietários oriundo de São Paulo, o que facilitava o acesso ao material (discos e adereços) mais recentes da cena internacional e nacional, e a loja *World Rock* (depois, *World Music*), localizada na Avenida Conde da Boa Vista, no Edifício Pirapama, acima do Beco da Fome, região central da cidade, e que na época funcionava como local de sociabilidade para muitos músicos e fãs de metal e *punk*.

É também na década de 1990 que o Recife vai conhecer um dos primeiros locais especializados em shows de metal, o Underground Bar, localizado no bairro da Madalena, na zona norte. Criado em 1993, o Underground além de acolher diversos shows de bandas locais, funcionava também como espaço de ensaio para bandas que tinham muita dificuldade de encontrar estúdios que aceitassem alugar o espaço para bandas de “porrada”, no linguajar da época.

A divulgação dos subgêneros e mais ainda, a apropriação destes pelo público recifense contou também com a passagem pela cidade de bandas estrangeiras e

¹³ AZEVEDO, Cláudia. Subgêneros do metal no Rio de Janeiro a partir da década de 1980. Cadernos do colóquio. 2004-2005. É possível acompanhar, a partir do mapeamento virtual realizado, o surgimento de bandas de *Black metal* na última década no Recife, inclusive com criação de selos, como o Suicidal Apology Records, para lançamentos de projetos musicais individuais e grupais do estilo.



consagradas na cena internacional como, por exemplo, o *Morbid Angel*, banda de *death metal* americana, em 1991 e a banda de thrash metal alemã, Kreator, em 1992. A promoção destes shows contou com o apoio da mídia local¹⁴ e foram amplamente comentados nos fanzines da época (Recifezes e Petardo), principais meios de divulgação da cena na época. Estes dois grandes shows foram produzidos por Paulo André Pires, mentor e articulador do Abril Pro Rock, e Ervel Lungdren (Alemão), responsável pela criação do Dokas Hall juntamente com João Marinho, proprietário da loja Blackout Discos desde 1993.¹⁵

A criação deste espaço, em 1995, em plena efervescência do movimento mangue, vai contribuir para a manutenção e vivacidade da cena metal local. Colocados numa espécie de ostracismo, seja pela perda significativa do pouco espaço que tinham na mídia local, seja pela diminuição e/ou fechamento dos poucos locais de shows existentes, determinados protagonistas da cena metal investem na construção daquilo que seria, por excelência, um espaço exclusivamente dedicado ao universo cultural metal¹⁶.

Vale salientar que a localização do Dokas, na Rua do Apolo, no Centro do Recife, e não mais em um bairro na Zona Sul ou Zona Norte da cidade, onde normalmente estavam localizados os espaços de shows até então, esteve inserida dentro da lógica de revitalização do Centro do Recife. O incentivo fiscal dado pela prefeitura na época para a instalação de bares e casas de shows no chamado Recife Antigo criou as condições necessárias para o restabelecimento da vida cultural numa região da cidade até então degradada.

A abertura do espaço criou assim não apenas um meio de sobrevivência para cena Metal, mas contribuiu para a visibilidade desta na vida social e cultural da cidade, uma vez que a rua passou a ser frequentada, recorrentemente, por grupos das mais variadas idades e origens sociais, vestindo preto, portando tatuagens e adereços metálicos. O uso intenso deste espaço público, mais precisamente, da Rua do Apolo, do Bar do Fogão e do Dokas Hall, pelos protagonistas e fãs da cena, foi decisivo na construção de um lugar simbólico dentro da cidade do Recife para cena underground metal.

¹⁴ Jornal do Comercio, dia 19 de abril de 1991, Caderno C.

¹⁵ A loja Blackout Discos situada na Rua Riachuelo funciona até os dias atuais como ponto de encontro para os bangers da cidade.

¹⁶ Embora o espaço seja dedicado exclusivamente ao metal, o Dokas Hall passou a ser terceirizado pelos proprietários e foram produzidos eventos de outros estilos musicais



O Dokas Hall fecha as portas por volta de 2005, depois de trazer dezenas de shows para a cidade, como nomes importantes do cenário internacional, como os ex-vocalistas do *Iron Maiden*, *Paul Dianno e Blaze Bayley* (Inglaterra) e do *Deep Purple* e *Black Sabbath*, Glenn Hugues (Inglaterra), e bandas da cena extrema, a exemplo de *Vader* (Polônia), *Incantation* e *Monstrosity* (Estados Unidos). Além das atrações estrangeiras, o local acolheu ainda bandas brasileiras significativas, como *Shaman*, *Korzus* e *Violator*.

6. Redes sociais e a internacionalização do underground metal recifense

O final do Dokas Hall é concomitante ao adensamento do uso das novas tecnologias de comunicação na produção e divulgação de bens culturais de maneira geral.

Embora uma queixa comum a vários entrevistados seja a falta de apoio dos meios de comunicação locais aos eventos relacionados à cena metal (a única rádio que chegou durante algum tempo a incluir na sua programação uma estratégia de divulgação ligada ao movimento underground foi a Rádio Cidade, entre o fim dos anos 1990 e o começo dos anos 2000) o fato é que a divulgação da música e dos eventos do metal dependem cada vez menos dos meios de comunicação tradicionais.

A partir do início do século XXI a internet se torna cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, e isso tem fortes implicações na cena underground no Recife. As bandas locais começam a encontrar outros canais de divulgação para seu trabalho em websites, blogs, sites de vídeo online e redes sociais como o *MySpace*, o *Orkut* e o *Facebook*, mais evidente na segunda metade da década passada. Ao mesmo tempo, a facilidade em compartilhar arquivos de música com usuários da rede, bem como a proliferação dos arquivos online de vídeo, torna o fluxo midiático muito mais intenso e diversificado. Além da possibilidade de mostrar em tempo real um trabalho para usuários da rede em qualquer lugar do planeta, o acesso ao repertório clássico e contemporâneo do metal está à distância de um clique de mouse de cada internauta. Isso sem falar na possibilidade de acessar o material disponibilizado pelas inúmeras cenas *underground* locais espalhadas por todo o planeta.

Embora personagens mais antigos da cena ainda resistam a utilizar a nova tecnologia para compartilhar arquivos de música, é notório que as gerações mais jovens estão usando a internet de modo intenso tanto para consumir música e informação quanto, no caso das bandas, para divulgar sua produção. Praticamente todas as bandas mapeadas através de entrevistas, bases de dados como *Encyclopaedia Metallum* ou



artigos de jornais, fazem uso da internet tanto na divulgação de seus shows quanto na consolidação de redes sociais que têm permitido, inclusive, a circulação internacional de bandas que de outra forma não ultrapassariam a esfera local. Na entrevista concedida ao jornalista Wilfred Gadêlha, Marco Antônio, guitarrista da banda *Decomposed God*, salienta o uso que fez do *Myspace* na negociação da turnê do grupo - *Bestiality Over Europe* - pelo Velho Continente no ano de 2010.

“A turnê foi fechada na raça (...). Foram contatos que conseguimos e eu mesmo fechei. A internet foi um meio facilitador e diminui muito os custos. Se não fosse assim, apenas bandas como Sepultura, Ratos de Porão e Krisiun conseguiriam fazer turnês na Europa”(Coluna Lapada, 23 de fevereiro de 2010, JC Online)

Além da *Decomposed God*, o *Infested Blood* que também excursionou pela Europa com sua *Decimating Europe Tour* fez intenso uso de sua comunidade no *Myspace*, disponibilizando, inclusive, fotos e cartazes dos 22 shows que realizaram em 10 países (Portugal, Romênia, Alemanha, Espanha e Sérvia, entre outros)

A passagem pela cena internacional não possibilita necessariamente uma projeção mercadológica, embora seja possível verificar um ganho simbólico significativo para as bandas. Os shows de retorno das duas bandas na cidade do Recife, por exemplo, realizados no *Bomber Rock Bar* - atual reduto da cena Metal no Recife Antigo - foram bem prestigiados pelo público local. O mesmo pode ser observado na trajetória da recém-formada *Cangaço*, banda pernambucana que foi a única a representar o Brasil no maior e mais importante festival de Metal do mundo, *Wacken Open Air*, em 2010. Uma vez de volta ao Recife, a banda foi selecionada para participar do Festival Abril Pro Rock 2011 sem sequer precisar se submeter à seletiva promovida pela curadoria.

7. Considerações finais

Uma das mudanças que consideramos mais central, certamente influenciada pelo advento das redes sociais virtuais, é a perda da relevância de vários espaços de sociabilidade freqüentados pelo público Metal desde os anos 1980.

As lojas de discos funcionaram durante os anos 1980 e 1990 como pólo aglutinador não só de consumidores de LPs e CDs, mas também de pessoas interessadas em se informar a respeito dos eventos da cena, divulgados por meio do boca-a-boca ou



de cartazes afixados nas paredes. Serviam ainda como ponto de encontro para troca de informações e conversas informais sobre as novidades da cena Metal global.

O acesso quase ilimitado a arquivos musicais em mp3 via internet e a possibilidade de interações e agrupamentos virtuais, em função de interesses comuns proporcionado pelas redes sociais, torna cada vez menos essencial o papel desempenhado por aquelas lojas nos rituais de socialização entre os membros da cena. Nos últimos dez anos, a maioria delas fechou as portas.

Como tendência geral identificada ao longo de quatro décadas, a partir dos depoimentos coletados, percebemos que os espaços de fruição do rock nos anos 1970 estavam praticamente circunscritos à esfera dos ambientes privados, e que só a partir da década seguinte começam a surgir espaços públicos, como festivais e lojas especializadas, nos quais a sociabilidade entre os fãs de rock e Metal ganha visibilidade. Essa fase é marcada pelo crescimento da cena não só no Recife, mas em todo o Brasil. Pipocam na cidade bandas dos mais diversos subgêneros do Metal, fazendo do Recife um dos mais importantes pólos do país.

Os anos 1990 trazem a internacionalização da cena com a promoção dos primeiros shows de bandas estrangeiras na cidade. Enquanto o Mangue-beat ganha projeção como movimento cultural de repercussão nacional e invade os espaços *underground* da cidade, a cena Metal recifense se concentra em torno do Dokas, casa de shows com capacidade para 800 pessoas localizada no Recife Antigo.

Por fim, na virada para o século XXI, as redes sociais internacionalizam o *underground* recifense, e várias bandas locais passam a excursionar pelo exterior. Além disso, a ocorrência cada vez mais freqüente na cidade de shows com bandas consagradas de Metal, como *Megadeth* e *Iron Maiden*, denota o crescimento deste público, que já tem uma noite cativa para o som pesado até mesmo no festival de música pop conhecido por ter dado notoriedade ao Mangue-beat: O Abril pro Rock.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Cláudia. Subgêneros do metal no Rio de Janeiro a partir da década de 1980. Cadernos do colóquio. 2004-2005.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. Esses camaleões vestidos de noite: uma etnografia do *underground* Heavy Metal. Sociedade em Estudos, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 37-50, 2006.



CHRISTE, Ian. Heavy Metal- a História Completa; tradução Milena Durante e Augusto Zantoz – São Paulo: Arx, Saraiva, 2010.

JANOTTI, Jeder Silveira. Heavy Metal com Dendê: Rock pesado e mídia em tempos de globalização, Rio de Janeiro, Editora Papers, 2004.

JUNIOR GADELHA, Wilfred de Albuquerque (2002) "Dupla de bandas alemãs da pesada toca hoje no Recife". In: Jornal Diário de Pernambuco, Caderno Viver, 31 de agosto, página D6, Recife.

------(2003) “ Clássicos do Hardcore em uma só bolacha”. In: Jornal Diário de Pernambuco, sessão Viver, 9 de janeiro, Recife.

----- (2009) “De Caruaru para o Mundo?”. In: Coluna Lapada, 22 de junho, endereço <http://ne10.uol.com.br/coluna/lapada/noticia/2009/05/22/de-caruaru-para-o-mundo-188379.php> Acesso em 20/ 09/2010

----- (2009) “ Vitoria do Metal”. In: Coluna Lapada, JC On Line, 02 de agosto <http://ne10.uol.com.br/coluna/lapada/noticia/2009/08/02/vitoria-do-metal-195387.php>

------(2011) “ Pode entrar e bater a cabeça”. In: Jornal do Commercio, 14 de março, Caderno C, Capa, Recife.

LEÃO, Carolina. A negociação Mangubeat: cultura pop, mídia e periferia no Recife contemporâneo”. In: Eco- pós, v.6 n.2, agosto – dezembro, PP.95 -111, 2003. Acesso em 20/09/2009.

LEÃO, Tom. Heavy Metal: Guitarras em Fúria, São Paulo: Editora 34, 1997.

MEDEIROS DE SOUZA, Abda. Cosmologias do Rock em Fortaleza”. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceara, 27 de junho, Fortaleza, Ceara, 2008.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. Notas preliminares sobre o cenário underground em Aracaju. Conferência da Seção Latino-Americana IASPM, Rio de Janeiro,

TELES, José. Do Frevo ao Mangubeat, São Paulo: Editora 34, 2000.